

Revista
SBH

Saúde, Cultura e Atualizações
Ano 2 • n. 3 • 2015



História da Medicina

LINGUAGEM MÉDICA

Índice e Sumário

CRÔNICA

Dom Quixote da manga

MOMENTO POÉTICO

EU, Waldir Pedrosa Dias de
Amorim, peço passagem

Fornecendo soluções inovadoras de alta tecnologia.

Segundo o Protocolo Clínico e Diretrizes Terapêuticas para Hepatite C e Coinfecções publicado em junho de 2015 (Ministério da Saúde, 2015):

“Recomenda-se o tratamento para pacientes com resultado de elastografia de onda transitória $\geq 9,5$ kPa. Esse valor de corte corresponde ao estágio F3 de fibrose hepática (Sociedade Brasileira de Hepatologia; Castéra, et al., 2005; Castéra, et al., 2005; Ziol, et al., 2005)..”




FibroScan[®]
AND ITS DEDICATED PROBES

Dissecação do Fígado por água.
Menor tempo cirúrgico,
Menor sangramento,
Maior economia.



20150-036



20150-030



ERBE
JET 2

ERBE

Matriz
Alameda São Boaventura, 392.
Fonseca - Niterói - RJ
Tel: 55 21 3797-4900.

Filial
Rua Isabel Ramos Fabeni, 96.
São João - Itajaí - SC
Tel: 55 47 3344-1612

 /Labor-Med Aparelhagem www.labor-med.com.br

Editor Revista SBH

Heitor Rosa

Colaboradores

Edna Strauss

João Galizzi Filho

Joffre Marcondes de Rezende (*In memoriam*)

Waldir Pedrosa Amorim

Colaboradores Convidados**Diretoria Biênio SBH 2014-2015****Presidente:** Edison Roberto Parise**1º Vice Presidente:** Cláudio G. Figueiredo Mendes**2º Vice Presidente:** Deborah Maia Crespo**3º Vice Presidente:** Helma Pinchemel Cotrim**Secretário Geral:** Edna Strauss**Secretário Adjunto:** Hugo Cheinquer**1º Tesoureiro:** Isaac Altikes**2º Tesoureiro:** Rodrigo Sebba Aires**Representante Junto à AMB:** Edna Strauss**Comissão Título de Especialista**

Francisco José Dutra Souto

André Castro Lyra

Leonardo de Lucca Schiavon

Comissão de Admissão

Fernando Wendhausen Portella

Cristiane Alves Villela Nogueira

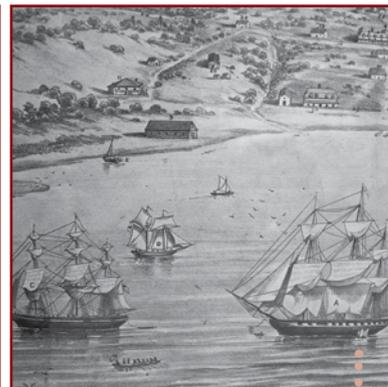
João Luiz Pereira

 Atha Comunicação e Editora

 Coordenação editorial, planejamento,
criação e diagramação

 Jornalista responsável: Ana Carolina de Assis
latha@uol.com.br

O conteúdo dos artigos dessa publicação é de responsabilidade de seus autores, as opiniões apresentadas não refletem necessariamente a opinião desta publicação.

**5 Carta do Editor****6 Linguagem Médica**

Índice e Sumário

10 Cultura

História da Medicina

12 Crônica

Dom Quixote da manga

14 Momento Poético

EU, Waldir Pedrosa Dias de Amorim, peço passagem



Heitor Rosa

Ex-Presidente da Sociedade Brasileira de Hepatologia. Professor Emérito da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Goiás. Escritor.

Caros amigos,

Este número tem algumas surpresas e entre elas a agradável presença da poesia do Waldir Pedrosa, que resolveu mostrar seu talento que só aparece em seus livros.

Vou transformar uma estrofe de Fernando Pessoa, para considerar o poeta Waldir Pedrosa:

*“Dizem que finge ou mente
Tudo que escreve. Não
Ele simplesmente sente
Com a imaginação”*

Waldir escreve simples com sentimento fértil. Sua poesia é para ser lida e degustada (poesia de efeito *depot* – ação prolongada).

Retomamos um artigo de Prof. Joffre que vem em socorro de editores de revistas e teses: Índice ou Sumário? O tema não perde sua atualidade e parece colocar um ponto final nas dúvidas ou discussões.

O leitor terá um grande prazer em conhecer a memória da medicina, guardada e preservada em belos museus, um assunto que tem por finalidade despertar a curiosidade dos médicos turistas ou participantes de congressos. Você ficará surpreso em ver alguns endereços e fotos dos museus brasileiros que preservam nossa memória médica, assim como os grandes museus estrangeiros encontrados na França e Inglaterra. Seguindo nossas publicações da história de grandes vultos da medicina mundial, estava na hora de apresentar-lhe uma síntese de onde se guardam essas relíquias.

O comportamento das pessoas simples e pobres, pode deixar de lado o constrangimento de lutar por um modesto presente para seu estômago, sem se importar com o que pensam ou acham os observadores. A criação de Cervantes me inspirou ao ver uma feroz luta de um gari por uma simples fruta.

Carinhoso e fraternal abraço à família SBH,

Heitor Rosa
Editor

Índice e Sumário

Os primeiros escritores portugueses utilizaram a expressão *Tabuada da matéria* ou *Tábua da matéria* para indicar as principais partes ou capítulos de uma obra e sua localização no texto, segundo a numeração das páginas. Encontramos em francês a expressão equivalente *Table des matières*, utilizada com o mesmo fim. Em inglês havia a expressão *Table of contents*, a qual, obedecendo ao espírito sintético desta língua simplificou-se para *Contents*, atualmente em uso.

A palavra *Índice*, derivada do latim *Index, icis*, há muito vem sendo usada em substituição à *Tabuada da matéria* ou *Tábua da matéria* e, nesta acepção, a encontramos averbada nos melhores léxicos da língua portuguesa.

O termo *Sumário*, por sua vez, há muito vem sendo empregado para designar um pequeno resumo que se oferece ao leitor, quer no início da obra, quer no início de cada capítulo, com o fim de informá-lo sobre o conteúdo do texto. *Sumário* provém do latim *Summarium*, derivado de *Summa*, “a parte mais importante, a parte essencial”.

Portanto, as duas palavras, *Índice* e *Sumário* são antigas e de uso corrente em português; a primeira para indicar a relação da matéria e sua localização no texto, e a segunda para designar um pequeno resumo destinado a orientar o leitor.

É possível que a confusão entre as duas tenha surgido em consequência da apresentação de *sumários* tão resumidos a ponto de conterem apenas os títulos dos artigos ou dos capítulos.

O próximo passo para dar ao *Sumário* a feição de um *Índice* seria dispor os assuntos em linhas separadas. Este elo intermediário da metamorfose pode ser encontrado em algumas publicações periódicas. A partir daí, bastaria colocar o número da página à frente de cada assunto para transformar o *Sumário* em *Índice*. Só assim podemos compreender o emprego da palavra *Sumário* em lugar de *Índice*.

O fato teria ocorrido primeiramente em francês, segundo o Prof. Idel Becker¹, e a seguir em português. O equívoco semântico, portanto, não é exclusivo da língua portuguesa.



Joffre Marcondes de Rezende
Professor Emérito da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Goiás. Membro da Sociedade Brasileira de História da Medicina.



O que não se entende é que a Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) tenha encampado tal distorção e oficializado *Sumário* com o sentido de *Índice*.

Em seu livro *Problemas de Comunicação da Informação Científica*, o Prof. Nery da Fonseca, renomado especialista desta área e Professor da Faculdade de Estudos Sociais Aplicados da Universidade de Brasília, procura defender a posição da ABNT e afirma que a referida Associação fora assessorada pelo Prof. Antônio Houaiss, reconhecida autoridade em Linguística e questões de vernáculo.²

Segundo consulta que fizemos em carta ao Prof. Antônio Houaiss, a questão não é propriamente de linguística e sim de normalização, visto que a ABNT teve por objetivo

evitar a duplicidade de *índices*, deixando a palavra *Índice* para nomear apenas o *Índice* alfabético, habitualmente colocado ao final do livro.

Para o grande enciclopedista, membro da Academia Brasileira de Letras, filólogo e autor da importante obra *Elementos de Bibliologia*, os “*índices, stricto sensu*, são sempre alfabéticos, enquanto as tábuas só serão por acaso, porque o princípio que as informa é o da estruturação orgânica da obra” (comunicação pessoal). No referido livro, o Prof. Houaiss preferiu a forma clássica Tábua da matéria em lugar de *Índice* ou *Sumário*.³

A confusão se torna ainda maior quando se trata de um índice bilíngue ou trilíngue e o tradutor, pouco afeito à questão, traduz a palavra Sumário por Summary, em inglês, e por Résumé, em francês, como se vê em algumas revistas médicas

Seguindo o exemplo do grande mestre, adotamos também *Tábua da Matéria*, em lugar de *Sumário*, neste livro.

A decisão da ABNT, em lugar de colaborar para a desejável uniformidade das publicações biomédicas brasileiras, especialmente dos periódicos, veio, ao contrário, propiciar maiores divergências.

Em um levantamento que procedemos em 1981, na Biblioteca

Central da Universidade Federal de Goiás, com o auxílio do bibliotecário José Vanderlei Gouveia, tivemos oportunidade de compulsar 184 periódicos da área biomédica editados no Brasil e publicados durante os 10 anos anteriores.

Tomando por base o número mais recente disponível de cada periódico, verificamos que 84 (45,7%) adotaram *Sumário*; 71 (38,6%) continuam usando *Índice*; 11 (6,0%) preferem *Conteúdo*, e 17 (9,2%) apresentam a matéria sem qualquer designação. Um periódico usa *Roteiro* e outro usa simultaneamente *Sumário* e *Índice*, cada um em seu exato sentido.

Excluindo-se desse total 29 periódicos das áreas de Farmácia, Odontologia, Enfermagem e Ciências Biológicas, e analisando os 155 periódicos restantes, de interesse estritamente médico, encontramos os seguintes números: *Índice* - 66 (42,6%), *Sumário* - 65 (41,9%), *Conteúdo* - 9 (5,8%), *Roteiro* - 1 (0,6%), sem designação 14 (9,0%). Estes dados parecem indicar maior resistência dos editores da área médica à recomendação da ABNT.

A confusão se torna ainda maior quando se trata de um *índice* bilíngue ou trilíngue e o tradutor, pouco afeito à questão, traduz a palavra *Sumário* por *Summary*, em inglês, e por *Resumé*, em francês, como se vê em algumas revistas médicas. *Summary*, em inglês, e *Resumé*, em francês, são as versões corretas de *Sumário* em português, em sua verdadeira acepção, e não em seu nove significado conferido pela NB 85 da Associação Brasileira de Normas Técnicas.

É óbvio que o sentido das palavras jamais pode ser fixado por decreto. Uma língua forma-se com o passar do tempo, lentamente, e as palavras adquirem um significado, exprimem uma ideia, que só o tempo e a tradição podem modificar.

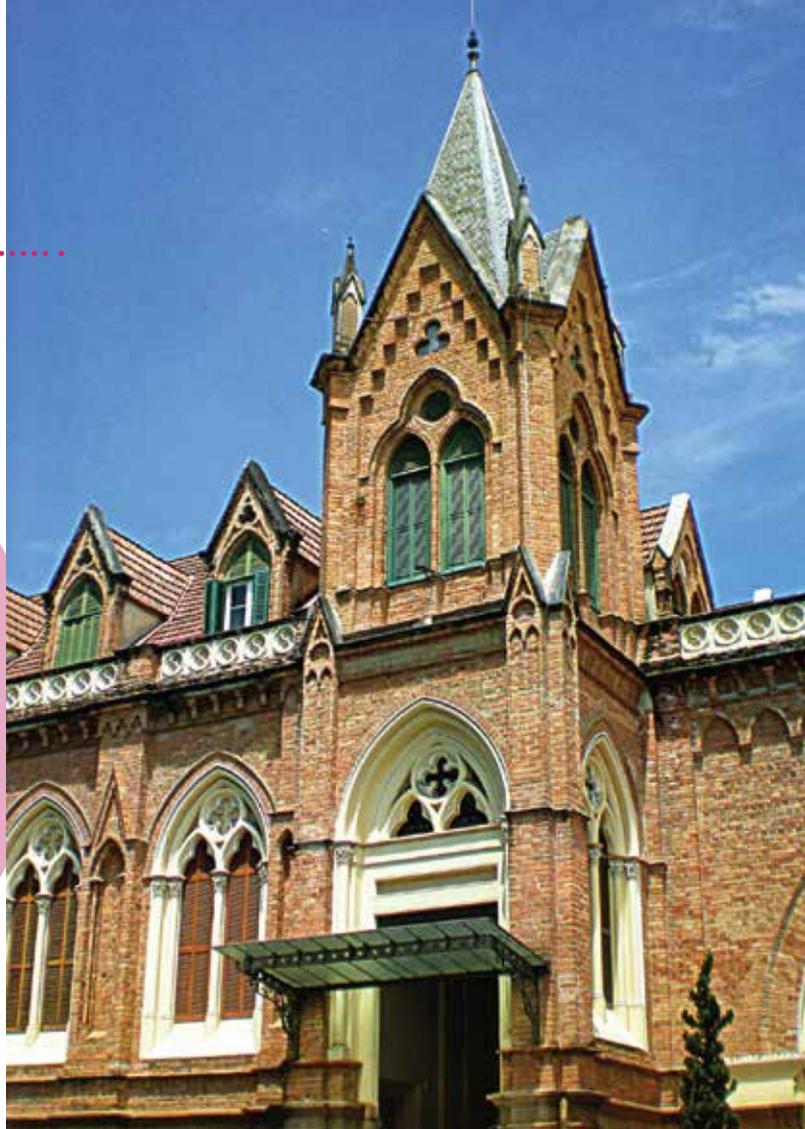
Referências

1. BECKER, I. Nomenclatura biomédica no idioma português do Brasil 1968, p. 271-280.
2. FONSECA, N. Problemas de comunicação da informação científica, 1973, p. 95-100.
3. HOUAISS, A. Elementos de bibliologia, p. XVII, 1967.

Texto publicado no livro: *Linguagem Médica*. 4a edição. Goiania.2011. Ed Kelps.

Museu da Santa Casa de Misericórdia

História da Medicina



Visitar um museu, invariavelmente, é uma oportunidade de viajar pelo tempo e adquirir informações sobre a história de personalidades, lugares ou assuntos. Recém lançada, a Rede Nacional de Museus de História da Medicina divulgou que existem cerca de 15 museus no país que guardam parte da memória da medicina brasileira. Confira alguns deles e também opções de museus internacionais.

Museu da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo

O Museu da Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo reúne um pouco disso tudo. No museu há muitas preciosidades, difícil não ficar tomado pela curiosidade em descobrir detalhes da vida das muitas personalidades que estão eternizadas em óleos sobre tela ou em bustos de bronze. Hoje, muitas emprestam seus nomes para vias da metrópole, como os médicos Caetano de Campos, José Celestino Bourroul e Synesio Rangel Pestana. Entre as curiosidades é possível saber que Rêgo Freitas, juntamente com o Barão de Piracicaba, doou o terreno para a construção do hospital e que João Brícola, comerciante abastado, dividiu sua herança entre a Irmandade e seu filho, relata a coordenadora do local, Maria Nazarete de Barros Andrade. Com mais de 400 anos de existência, a Santa Casa somente veio a constituir de fato um espaço museológico em meados do ano 2000. Coube ao engenheiro Augusto Carlos Ferreira Velloso, designado mordomo do Museu, e à coordenadora percorrerem os hospitais da entidade em busca de peças que pudessem ser integradas ao acervo. Inaugurado oficialmente em março de 2001, o espólio do Museu reúne outros itens não exclusivamente médico-científicos. O acervo de arte tem trabalhos de 54 artistas, entre os quais, Oscar Pereira da Silva, “Augustus” (Augusto Mendes da Silva), Almeida Junior, Benedito Calixto, Gino Catani, Pedro Alexandrino, Ernesto Papf. Também integram o acervo obras de modernistas como Tarsila do Amaral, Castellano,



Roda dos expostos



Eletroímã

C. Genaro, D. Ismailovitch, assinam algumas telas. O espólio dispõe de painéis de Aldo Bonadei, Anita Malfatti e Volpi. No ambiente reservado aos objetos de arte, um carrilhão do século XIX destaca-se entre os mobiliários. O visitante, ao adentrar na sala que faz referência a uma Farmácia Antiga, impressiona-se com o móvel que ocupa as paredes. Executado pelo Liceu de Artes e Ofícios, no ano de 1883, tem vidraçaria centenária, abriga botijas e frascos de vidro esmerilhados e de cristais coloridos, embalagens de medicamentos raros e itens de perfumaria. Outros destaques do espaço são um antigo alambique de cobre, que servia para destilar água; uma balança inglesa, utilizada para pesar substâncias terapêuticas; e alguns livros, entre os quais, o “Formulário e Guia para Médicos”, obra reunida pelos jesuítas e publicada em 1831. Nela consta a relação dos medicamentos usados pelos indígenas. Descansa em uma prateleira um sapo embalsamado. O exemplar foi utilizado no teste Galli-Mainini, que tinha o objetivo de confirmar se uma mulher estava ou não grávida. Na sala dedicada à Medicina, há diversos aparelhos e instrumentos médicos e fotografias. Há um, em particular, inventado na França em meados do século XIX. O equipamento tem um braço articulado e servia para retirar ciscos metálicos do globo ocular, com o auxílio de um eletroímã. A potência era de tal ordem que, às vezes, a córnea era também retirada. Há ainda desenhos que reproduziam as intervenções cirúrgicas com riqueza de detalhes, um enorme grampeador metálico utilizado para suturar as operações gástricas e intestinais, seringas de transfusão e o primeiro livro de registros do Hospital Central de 1883. O espaço Professor Dr. Waldemar de Carvalho Pinto Filho, reúne mais de 700 peças, entre títulos e objetos. Ali é possível conferir uma mesa cirúrgica de 1924 e um dos primeiros aparelhos de raios-X, que datam de 1920. Considerada uma das peças mais importantes do acervo, a roda dos expostos ou excluídos, foi utilizada entre dois de julho de 1825 e cinco de junho de 1950; Foram abandonadas no local 4.696 crianças. “Trata-se de uma peça autêntica, de forma cilíndrica, que girava sobre um eixo. A criança era depositada no vão, depois, rodava para dentro. Em seguida, a pessoa tocava a campainha e o bebê era recolhido por uma das freiras que providenciava a sua internação”, expõe Nazarete.

End.: Rua Dr. Cesário Mota Júnior, 112, Vila Buarque, São Paulo, SP,
Tel.: (11) 2176-7025, 2176-7000 ramal 5008.
museu@santacasasp.gov.br,
www.santacasasp.org.br/museu/

Memorial da Medicina Brasileira, Bahia

Distribuído em nove salões, o Memorial da Faculdade de Medicina da Bahia, da Universidade Federal da Bahia (UFBA), a mais antiga do País, abriga mais de 5.300.000 páginas de documentos incluindo teses, pedidos de matrículas, pesqui-

sas e experiências de gerações de cientistas, livros raros dos séculos XIV ao XIX, inclusive a coleção completa da Flora Brasiliensis, de Martius, alguns em latim, outros acerca de alquimia, a pinacoteca com mais de 200 retratos pintados por famosos artistas baianos e diversos mobiliários.

End.: Praça 15 de Novembro, s/n - Terreiro de Jesus (antiga Faculdade de Medicina), Salvador, BA. Tel.: (71) 321-0983, medicina@ufba.br
http://www.fameb.ufba.br/index.php?option=com_content&view=article&id=119&Itemid=148



Memorial da Medicina Brasileira

Museu de Anatomia Humana Prof. Alfonso Bovero

A história do Museu de Anatomia Humana (MAH) confunde-se e integra-se à história do Departamento de Anatomia e da própria Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo. Com mais de 90 anos de existência, o espólio foi reunido a partir das atividades docentes do professor Alfonso Bovero. Nos dias atuais, mais de 965 peças anatômicas estão em exposição, todas preparadas e conservadas com diversos métodos, separadas e catalogadas conforme os sistemas e aparelhos que compõem o corpo humano – crânios e esqueletos macerados (articulados e desarticulados), ossos do “Homem de Sambaqui”, entre outras.

O Museu abriga, aproximadamente, 300 peças que formam sua reserva técnica, e 500 crânios macerados de indivíduos jovens e adultos de ambos os sexos, identificados e representando os diversos grupos étnicos, importante referência para o desenvolvimento de pesquisas em antropologia, odontologia e medicina.

End.: Av. Prof. Lineu Prestes, 2415, Butantã, São Paulo, SP
Tel.: (11) 3091- 7360, mahusp@gmail.com
<http://www.icb.usp.br/museu/?q=contato>



Museu de História da Medicina da Associação Paulista de Medicina de São Paulo

Museu Histórico da Faculdade de Medicina da Universidade São Paulo (USP)

O Museu Histórico Professor Carlos da Silva Lacaz, da Faculdade de Medicina da USP, criado oficialmente em 1977, foi reaberto em dezembro de 2010. Atualmente, o visitante pode conferir peças e documentos do século XIX na exposição intitulada “Arnaldo Vieira de Carvalho e a Faculdade de Medicina: Práticas Médicas em São Paulo – 1888/1938”. Com a reinauguração, o Museu passa a funcionar também como centro de pesquisa e documentação, com acervo de referência para a pesquisa histórica em torno das práticas médicas em São Paulo.

End.: Av. Doutor Arnaldo, 455, São Paulo, SP.
Tel.: (11) 3066-7249

Museu de História da Medicina do Rio Grande do Sul

Localizado no prédio histórico da Beneficência Portuguesa, o Museu de História da Medicina do Rio Grande do Sul tem o propósito de preservar documentos, apetrechos médicos e outros objetos relacionados à prática, estudo e evolução das artes médicas no Estado. Nos dias atuais, o acervo ultrapassa 9.000 itens e está dividido em três seções: Museológica, Arquivística e Bibliográfica. Entre os destaques, o visitante pode conferir frascos de medicamentos, mobiliários, instrumentos médicos, objetos pessoais de antigos profissionais da saúde, objetos usados no ensino da Medicina, esqueletos, entre outros. Destaque para a máscara de Ombredanne, utilizada para inalação de éter anestésico, e para as ventosas sem fogo, empregadas até o século XIX para sugar os humores nocivos do corpo enfermo, considerando a Teoria dos Humores, de Hipócrates. O local dispõe de Fototeca, Videoteca e Audioteca.

End.: Av. Independência, Porto Alegre, RS Tel.: (51) 3029-2900,
museu@simers.org.br, <http://www.muham.org.br>

Museu de História da Medicina da Associação Paulista de Medicina de São Paulo (APM-SP)

O museu dispõe de acervo sobre o exercício no Brasil e no mundo, como documentos históricos, livros raros, equipa-

mentos cirúrgicos, louças com representações de eventos médicos, bustos, estatuetas de grandes nomes da medicina e da ciência, medalhas, fotografias, entre outros objetos.

End.: Av. Brigadeiro Luís Antônio, 278, 5º andar, São Paulo, SP.
Tel.: (11) 3188-4303, museu@apm.org.br,
http://www.apm.org.br/aberto/espacocultural_interna.aspx?id=85

Museu da Academia Nacional de Medicina

Localizado no nono andar da Academia Nacional de Medicina, o Museu Inaldo de Lyra Neves-Manta foi fundado em abril de 1898, recebendo a denominação de “Museu Anátomo-patológico e de Curiosidades Médicas”. Fazem parte do acervo 1.500 peças, divididas em nove coleções. Entre os destaques, uma réplica do estetoscópio em madeira inventado por Laennec em 1818, criado com a finalidade de manter certa distância entre o médico e o dorso de pacientes mulheres. Pinturas, esculturas e gravuras de Candido Portinari, Rodolfo Bernadelli, Batista da Costa, René Lalique, entre outros; selos nacionais e internacionais, retratando médicos ilustres, datas importantes da história da Medicina e de campanhas contra epidemias.

End.: Av. Gal. Justo, 365, 9º andar, Castelo, Rio de Janeiro, RJ.
Tel.: (21) 2524- 2034 ramal 40,
museu@anm.org.br, <http://www.anm.org.br/museu.asp>

Hong Kong Museum of Medical Sciences

Em um prédio de design britânico, está localizada a única instituição sobre ciências médicas em Hong Kong. Criado em 1996, o local dispõe de 11 galerias de exposições, livraria e sala de leitura. O local é um convite para o visitante aprofundar seus conhecimentos sobre saúde e doenças, incluindo as conquistas passadas, estudos atuais e futuros desafios de relevância para o país. O Museu também explora a interface entre a medicina chinesa e ocidental e estimula a pesquisa nesta área.

End.: 2 Caine Lane, Hong Kong Tel.: (852) 2549 5123,
info@hkms.org.hk,
http://www.hkms.org.hk/English/about_HKMMS.htm

Museu da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa

Fundada em 1911 – apresenta valioso patrimônio histórico-cultural. Entre os destaques, o livro “De humani corporis fabrica”, de Andreas Vesalius (1514-1564). Na obra editada em 1543, o autor descreve os resultados das suas investigações anatómicas. O visitante pode conhecer ainda artefatos da medicina lusitana, como instrumentos criados e utilizados pelo Nobel português Egas Moniz (1875-1955) como uma seringa e um par de leucótomos, aparelhos para penetrar na calota craniana e cortar as fibras sensoriais que unem o córtex pré-frontal ao resto do cérebro; a primeira angiografia cerebral, exemplo de técnica desenvolvida por Moniz, segundo a qual, após introdução no sangue de uma substância de contraste, visualizam-se por radiografia os vasos sanguíneos do interior da caixa craniana, facilitando assim o diagnóstico de patologias cerebrais, no caso tumores.

Outras contribuições que têm lugar no Museu são um aparelho radiográfico com que Reynaldo dos Santos (1880-1970) fez a primeira aortografia, um negatoscópio e muitos outros instrumentos que fizeram história na medicina.

End.: Av. Prof. Egas Moniz, 1649-028, Lisboa, Portugal.
Tel.: 217 985, 153, museu@fm.ul.pt,
<http://www.museudemedicina.fm.ul.pt/DesktopDefault.aspx?tabindex=1&tabid=1>

National Museum of Health and Medicine

Uma divisão do Armed Forces Institute of Pathology, foi fundado como Army Medical Museum em 1862 para estudar e aperfeiçoar as condições médicas durante a Guerra Civil Americana. O local apresenta mais de 24 milhões de itens, inclusive materiais de arquivos, espécimes anatómicas e patológicas, instrumentos e artefatos médicos e coleções de pesquisas médicas, incluindo slides de imagens microscópicas. As coleções estão focadas particularmente na história e prática da medicina norte-americana, da medicina militar e de questões de pesquisas médicas atuais. Atualmente, o museu exibe objetos da medicina da época da Guerra Civil, incluindo artefatos que documentam a morte de Abraham Lincoln, a evolução de microscópios e instrumentos médicos, holograma do corpo humano e uma estação interativa de anatomia que permite que o visitante veja o corpo humano em uma perspectiva 3D.

End.: 6900 Georgia Avenue, NW, Washington, DC Tel.: 202-782-2200, <http://nmhm.washingtondc.museum/>

Royal London Museum and Archives

Localizado na cripta de uma igreja do século XIX, o Museu foi reaberto ao público gratuitamente em 2002 após restauração. Ele cobre a história do hospital desde a sua fundação em 1740 e do desenvolvimento da medicina ocidental. Fazem parte do acervo: obras de arte, instrumentos cirúrgicos, equipamentos médicos e de enfermagem, uniformes, medalhas,

Estojo de Francesco Antommarchi



livros e documentos. O Museu tem uma seção sobre medicina forense com materiais relacionados, por exemplo, aos assassinados de Jack, o Estripador e de uma área destinada a Joseph Merrick, o “Homem Elefante”.

End.: St Augustine with St Philip's Church, Newark Street, Londres.
Tel.: 020 7377 7608, rlarchives@bartsandthelondon.nhs.uk,
<http://www.bartsandthelondon.nhs.uk/aboutus/royallondon-hospitalmuseum.asp>

Musée d'histoire de La médecine

Localizado no segundo andar da Paris Descartes University, prédio construído em 1803, o Museu abriga uma das coleções mais antigas da Europa e dispõe de cerca de 1.500 peças médicas do final do século XVIII e princípio do século XIX. A coleção foi iniciada por Dean Lafaye, professor da instituição no século XVIII e foi enriquecida através das muitas doações no decorrer das décadas seguintes. Além dos centenários instrumentos de diagnósticos, cirúrgicos e fisiológicos, há pinturas, esculturas e litografias. No museu, o visitante pode conferir duas peças curiosas, a primeira é o estojo de Francesco Antommarchi, que foi utilizado na autópsia de Napoleão Bonaparte em Santa Helena. A outra é um corpo humano, onde cada órgão e músculo estão representados, feito em 1799 por Felice Fontana para ser usado em aulas de anatomia.

End.: 12, rue de l'Ecole de Médecine – Paris, França.
Tel.: 01 40 46 16 93, clin@parisdescartes.fr
<http://www.univ-paris5.fr/>

Musée d'histoire de La médecine





Dom Quixote da **manga**

A enorme mangueira plantada na praça, rente à calçada, exibia seus maduros e dourados frutos em bonitas pencas nos mais altos galhos.

Aliás, é sempre assim. Os frutos maduros e cobichados estão fora do alcance dos braços ou das varas; nos galhos acessíveis da árvore estão os frutos verdes, os mal desenvolvidos ou simplesmente inexistentes. Acho que nunca tive o prazer de colher manga ao meu alcance, mesmo sobre cadeira ou caixote. A árvore prefere lançar seus frutos ao chão, para esborrachá-los, ou dispará-los como torpedos sobre os telhados ou os tetos dos carros.

Mas eu comecei a falar sobre a grande mangueira, exuberante em diâmetro e altura, cheia de frutos, os verdes cá embaixo, os maduros lá em cima. Não fosse sua localização no jardim da praça, até que ela não seria tão desafiadora, porém ela se exibiu num dos locais mais movimentados do setor sul, uma praça circular da qual se irradiam oito ruas e onde o pedestre não tem qualquer direito; só os jovens e espertos conseguem burlar as pequenas indecisões dos automóveis e ônibus.

Ali, desafiando todos os obstáculos estava o gari, que ignorava todas essas considerações, para, obstinadamente, conseguir uma manga e que se danassem os carros. A fome ou prazer em conseguir frutas sem ter de pagar por elas, eram motivos que pareciam valer a pena correr algum risco.

Munido de longa vara, três metros talvez, o valente gari, na pista de rolamento, pouco distante da calçada, cutucava as mangas. Manda a técnica que deve se atingir a haste da fruta, para não machucá-la, mas como enxergar e acertar aquele verde fio, tão alto? Desistindo de obedecer aos cuidados técnicos, nosso quixote apontava sua lança para os redondos e amarelos alvos. Não que acertasse sempre; de vez em quando dava um *touché* em uma ou outra fruta, como se a insultasse, desafiando-a a se soltar. Tornava-se lanceiro mais agressivo quando diminuía o fluxo veículos e ele podia, por alguns segundos, ficar mais à vontade na rua, com melhor visão de mira, e logo a seguir voltava à calçada.

Finalmente três adversários sucumbiram quando o varapau distribuiu bordoadas entre os galhos, folhas e frutos, obedecendo à raiva e impaciência do lanceiro. Caíram, amarelos



Heitor Rosa

Ex-Presidente da Sociedade Brasileira de Hepatologia. Professor Emérito da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Goiás. Escritor.

e suculentos, mas no solo rolaram como bolas na rua e em direções diferentes. Desorientado, o gari viu seus prêmios em perigo de serem esmagados pelos carros velozes; tinha de decidir rapidamente qual deles iria arriscar-se a apanhar; pelo menos um. A cada tentativa de socorrer seus frutos, os veículos, velozes, o obrigavam a dar um passo atrás em direção à calçada; assim, subia e descia o meio-fio numa angústia que parecia sem fim. Nesse pequeno lapso de tempo, duas mangas explodiram sob apressadas rodas. Restava uma, um pouco machucada pela queda, mas valia o sacrifício.

O choque não produziu, felizmente, mais do que humilhante e intensa dor na bunda

Questão de honra. Voou sobre ela, como goleiro a defender um pênalti e conseguiu agarrá-la, porém não foi tão ágil para voltar à posição original e por isso chegou rapidamente à calçada com a ajuda de um fusca, também amarelo e redondo como uma manga, que o acertou no traseiro. O choque não produziu, felizmente, mais do que humilhante e intensa dor na bunda.

Esparramado na grama, lá ficou imóvel por um tempo, até recuperar-se do susto; esse foi o tempo suficiente para que um transeunte, que não assistira à cena, passando ao seu lado, visse a manga amarela colocada à sua frente. Não teve dúvida. Afastou-se alguns passos, tomou posição e desferiu um potente tiro de meta, fazendo a bolar voar para o outro lado da praça.



EU, Waldir Pedrosa Dias de Amorim, peço passagem

Hoje vou pedir passagem, nesta matéria dedicada à linguagem poética. Vou ousar, sem solicitar permissão, expor-me através do que já publiquei, em sua maioria, em quatro livros lançados no seio dos Congressos Brasileiros de Hepatologia. Como sabem, nutro pela SBH, o carinho e zelo, de membro que, encara já algum tempo, a força associativa da especialidade, para o bem comum de todos os estamentos que frequentam as suas atividades; por outro lado sua importância como agremiação científica, a influenciar os poderes institucionais, produzindo, maior eficácia da atenção médica qualificada e firmando a especialidade. Do ontem, ao agora, percebem-se quilômetros de avanço, mercê de líderes, idealizadores, fundadores, dirigentes, componentes facilitadores de que a sabedoria dos tempos fosse plasmada. Isso posto, expresso a convicção que, de tempos imemoriais, a cultura geral do médico, não é terreno estéril, é um pilar, a concitar permeabilidade ao ato humano. A história da medicina engloba prevenção, saúde, doença, descobertas, e, reverbera na ecologia, sociologia, filosofia, história da vida cotidiana, literatura, poesia, pintura, escultura, música e, nas artes em geral. Este, um lídimo ateste dessa assertiva. Cumpre-nos sedimentar a visão que o presente periódico vem oferecendo, através de cada qual dos seus colaboradores.

Inominado é o prazer, de estar ao lado destes escribas, e ser agraciado pela benevolência do querido editor Heitor Rosa e do nosso presidente Edison Roberto Parise, aos quais dedico esta singela publicação. Aqui vão portanto, poemas inominados, nominados, reescritos, publicados e inéditos, que sem pudor escrevi e ofereço, pedindo a devida benevolência dos leitores:



Waldir Pedrosa Amorim
Hepatologista, poeta de enorme
talento e cultura poética.

Cumpre-nos
sedimentar
a visão que
o presente
periódico vem
oferecendo,
através de cada
qual dos seus
colaboradores

1

*Desemparelhado
Ombros
Cotovelos
Pés, esporas
Olhar dissipado,
Justo,
Desobstruído.*

2

*O exercício
de pensar. Alma arcaica
Alta papéis
Em cestos sem memórias.*

3

*Vitrine de brinquedos!
Interditada
da função inaugural
de escorregar a alegria.*

4

*O pássaro
Fez-se sem relógio.
O calendário
Não marcou o cio das cadelas.
A ampulheta
escoou um grão
No estreito
Do homem.*

5

*A correnteza transgrediu
barceiras.
O olho d'água
dessedentou.
O porto perdido
sem memórias
causou oceanos sem mente.*

6

*Tempo imenso, deprecia
voaz extingue...
soberano esquece.*

7

*Tempo prescrito.
Tempero dos sonhos.*

8

*Azeite lamparina
história longa
mútua combustão!*

9

*Sonho infindo
desacostumado de senso
asfixia.*

10

*Barcos de papel
poça de chuva.
Sem medo.
Molham rápido,
Rasgam quimeras.
Córregos da infância*

11

*Sintonizar
tão difícil
que dá preguiça.*

12

*As palavras
resistem
à falta de ar.*

13

*Autozizar
Inspiração ao existir!
Não sufocar
palavras dissonantes
dissentir a agonia.*

14

*Um dia,
o coentro e a salsa
não temperavam apenas as saladas,
espocavam, em estética verde horta
das leiras ternas dos quintais!*

15

*Tudo certo!
Por decreto:
Toda angústia escrita
Será fictícia
E beberá donazepam.*

16

*Vinho, vicia,
Especialmente,
aos que bebem por poesia.*

17

*Eu
absorvente
Alma sem dissipador
Decreto
Metáforas*

18

*Psiu,
E,
Essa menina,
Seu zé, Moça,
Ven cá
Minha filha,
Dona Maria
Nasceram num leirão de terra
Tubérculos, batatas.*

19

*Um verso
Não escuto, não bradado
Um papelote amassado.*

20

*Meditar,
ser nudez,
ter pão,
água e universo.*

21

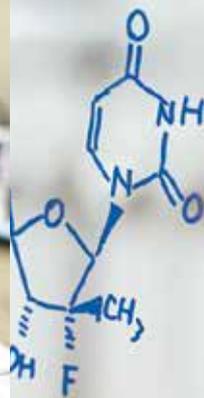
*Sonhos
Recuam
soluções
amadores*

22

*A luz gúta
vejam de longe
o cochichar
das sombras*

23

*Vivo em gerúndio.
Tempo sem inércia.*



Avançando
nos tratamentos,
melhorando
vidas.

Há mais de 25 anos, a Gilead tem trabalhado para desenvolver medicamentos que tratam necessidades médicas não atendidas, ajudando pacientes em todo o mundo.

Nosso portfólio e pipeline de inovação em medicamentos incluem tratamentos para HIV/AIDS, doenças de fígado, câncer, doenças inflamatórias, respiratórias e cardiovasculares.

Na área da hepatite C crônica (HCV), estamos focados em oferecer opções de tratamento simplificadas, orais, e em melhorar as taxas de cura.



Para mais informações, acesse: www.gilead.com

© 2015 Gilead Sciences, Inc.

IST052015 - Junho/2015